
Libertar para controlar – o uso do Facebook pelo movimento iraniano *My Stealthy Freedom*¹

Luiza Müller²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Este artigo apresenta uma análise de discursos que emergem do movimento iraniano *My Stealthy Freedom* que, por meio de uma página de *Facebook*, manifesta-se contra a lei do uso compulsório do véu no Irã desde maio de 2014. Protagonizados por mulheres, os protestos consistem no compartilhamento de autorretratos e vídeos que as ativistas fazem de si mesmas sem o *hijab*, muitas em espaços públicos do país. A partir disso, o trabalho tem por objetivo apontar, descrever e tensionar, utilizando-se de aspectos da Arqueogenealogia de Michel Foucault (1995; 1985), os discursos a respeito do véu que atravessam e são propagados pelo movimento em suas manifestações online. Para instrumentalizar essa pesquisa, tomamos o gênero enquanto categoria de análise, conforme preceitua Joan Scott (1995), em vistas a desorganizar uma certa ideia de fixidade das convenções sociais. A partir disso, evidenciamos em nossas análises os enunciados reitores a respeito da liberdade individual e mesmo o foco no *hijab* como temática central de *My Stealthy Freedom*, enquanto estratégia (potencialmente não intencional) de *hackeamento* do algoritmo do *Facebook*, escrito, ele mesmo, a partir de valores ocidentais. Este trabalho, portanto, promove reflexões acerca do véu como meio (uma tecnologia que expressa códigos culturais) e também debate o desenvolvimento de um movimento social que deseja o fim da obrigatoriedade do *hijab* (por isso, trava uma luta em um campo disciplinar, pois deseja mudar leis), mas que é possivelmente capturado por uma outra tecnologia, não disciplinar, mas de controle – o *Facebook* que, por sua vez, também é regido por seus próprios códigos.

Palavras-chave: Hijab; Gênero; Facebook; My Stealthy Freedom; Comunicação.

1. Introdução

O presente artigo apresenta parte dos resultados obtidos através da pesquisa realizada para a dissertação de mestrado intitulada “Os Discursos sobre o véu, entre códigos algorítmicos e culturais nos enunciados sobre o *hijab*³ no movimento Iraniano *My Stealthy Freedom*”. Como evidencia o título, a tarefa a que nos propomos perante o *hijab* foi, justamente, identificar, descrever e problematizar, a partir de aspectos da Arqueologia (FOUCAULT, 1995) e da Genealogia de Foucault (FOUCAULT, 1985),

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da FABICO-UFRGS, email: luizaemuller@gmail.com

³ O *hijab* compreende, na religião, o cobrimento e o vestuário que, segundo o *Islam*, permite a privacidade, a modéstia e a moralidade. Neste trabalho, para mais fácil compreensão e apesar dos diferentes sentidos atribuídos a ambas as palavras, utilizamos o termo como sinônimo de véu.

os discursos a respeito do véu que atravessam e que são propagados por *My Stealthy Freedom*, um movimento de mulheres que protesta contra o uso compulsório do véu no Irã através de auto-retratos feitos em locais públicos, em sua página de *Facebook*. Tal método arqueogenealógico não é formalizador, muito menos interpretativo. Ao invés disso, busca explorar o discurso em sua especificidade, dando a ver o jogo de regras que o compõe.

É na descrição e elaboração de conceitos agenciados pelo discurso, de que fala Foucault (1995), que traçamos uma linha de correlação com um processo de análise do *corpus* (as postagens feitas através de imagens e depoimentos escritos na página de *Facebook* do movimento online *My Stealthy Freedom*). Pois a arqueologia é uma reescrita do discurso que visa deixá-lo nu, de modo a explicitar suas engrenagens, e a geneologia, por sua vez, consiste em evidenciar as linhas de força que agenciam tais engrenagens. Assim, não é desvendar nenhum segredo transcendental, mas trazer luz sobre os agenciamentos que os constroem.

Tomamos essas premissas para identificar os elementos dispersos nas postagens publicadas na página de *Facebook* de *My Stealthy Freedom*, as quais escolhemos intencional e qualitativamente para análise neste artigo, em vistas de evidenciar de que maneira este *corpus* está assujeitado a determinadas regras próprias das formações discursivas em que se insere.

Através de tal esforço não buscamos, portanto, por verdades ou essências escondidas, pois, à maneira do signo que, toda vez que é posto em relação, dá a ver algo novo, trabalhamos por multiplicar, não só de modo a evidenciar os diferentes sentidos do véu, mas a sua agência sobre o que “há de mais material, de mais vivo” (FOUCAULT, 1985, p. 142), nas palavras do Michel Foucault, em um discurso, que é o corpo.

Apropriamo-nos de tais elementos da arqueogenealogia para operar uma análise do véu circunscrito à sua relação com a mulher e também com a comunicação. Nessa lógica, compreendemos o *hijab* como uma tecnologia de comunicação, por ser ele um propagador de códigos culturais transmutados ao longo do tempo. Por essa razão, não nos coube investigar nem escavar em busca de um significado único que fosse determinar, indicar e separar os verdadeiros significados dos falsos, mas apresentar uma produção de sentidos que opera por relação no agenciamento de diferentes estratégias discursivas.

Além disso, o debate a respeito do *Facebook* é chave na compreensão dos agenciamentos de poder que conformam esses discursos sobre o véu. Pois, tomando o conceito de biopoder de Michel Foucault (1985), é possível debater como tal território reforça estereótipos e dificulta a produção de diferença, impondo limites à diversidade e ao debate democrático. Da mesma forma, as visibilidades engendradas pela arquitetura algorítmica do *Facebook* não apenas provê o ambiente ideal para o desenvolvimento e propagação do discurso de objeção ao véu, como também dá-lhe lastro entre os usuários.

Ainda enquanto processo metodológico, partimos do gênero, considerando o papel central da linguagem na sua comunicação, na sua interpretação e na sua representação, conforme nos recomenda a Joan Scott (1995). Isso porque a cultura narra a história (e vice-versa) de forma a apagar os conflitos da organização binária feminino e masculino, apresentando-a como um consenso social. Dessa forma, desconstruir o binarismo responsável por opor feminino e masculino consiste no movimento de reverter ou deslocar sua instrumentalização, seja ela direcionada aos corpos ou às instituições. Por essa razão, em nosso trabalho, o gênero é uma ferramenta para compreender e classificar fenômenos e suas distinções socialmente acordadas. Ademais, sendo esta uma investigação com foco nos enunciados, o gênero vem a facilitar o aspecto genealógico de tal análise arqueológica, por ser o discurso, ao mesmo tempo, instrumento e efeito do poder, como defende Foucault (1985).

Dessa forma, para além de uma simples revisão bibliográfica ou contextualização histórica do *hijab*, esse processo exploratório levou-nos também a identificar as possibilidades e impossibilidades do *Facebook* em termos de expressividades e conteúdo, ou seja, as visibilidades e, da mesma forma, as invisibilidades, o que é possível e o que não é possível dizer através de suas ferramentas. Evidenciamos, neste contexto, os discursos da liberdade de escolha e a oposição ao véu como discursos próprios à arquitetura algorítmica do *Facebook*.

2. Azadi Yavashaki – uma liberdade inerentemente infratora

Surgido em maio de 2014, *My Stealthy Freedom* é um movimento de mulheres que defendem o direito individual de escolha de usar ou não o *hijab* no Irã. Utilizando

uma página de *Facebook*, elas compartilham autorretratos e vídeos de si mesmas sem o véu, muitas em espaços públicos do país.⁴ A catálise do movimento foi um gesto da iraniana Masih Alinejad, jornalista à época exilada na Inglaterra e hoje residente dos Estados Unidos, que postou uma foto sua de cabelos soltos em seu perfil pessoal do *Facebook*, juntamente com um texto sobre a liberdade de correr, sorrir e soltar os cabelos que, então agora exilada, ela tinha passado a experimentar. (KOO, 2016)

Alinejad é uma repórter conhecida no Irã por seu trabalho com jornalismo de pautas políticas. Enquanto representava veículos de cunho reformista, ela atuou durante anos dentro do congresso do país, espaço do qual foi expulsa, eventualmente, devido ao tom crítico de seu trabalho. Durante as eleições de 2009, ela se exilou na Inglaterra, em razão das perseguições empreendidas aos apoiadores da frente reformista. Diante da grande comoção que era vista nas ruas em apoio ao candidato Mir Houssein Mussavi, ela planejava retornar ao país após a vitória dele. Todavia, os resultados favoreceram Mahmoud Ahmadinejad, o que fez com que Alinejad nunca mais retornasse à sua terra natal devido à iminente prisão que sofreria ao voltar. (ALINEJAD, 2018)

Além disso, enquanto antes suas críticas eram direcionadas quase exclusivamente aos políticos e clérigos mais conservadores, no estrangeiro seu trabalho passou a problematizar o sistema da República Islâmica como um todo, desagradando antigos aliados reformistas, inclusive. Crítica essa que passou também a concentrar-se na lei do *hijab* compulsório.

Enquanto aquela única postagem repercutia, uma das leitoras da jornalista criou uma página intitulada “*Azadi Yavashaki*”, que do persa se traduz “Minha liberdade fugidia”, sendo assim nomeado também o movimento. O termo havia sido um dos mais recorrentes na discussão fomentada pela Masih (ALINEJAD, 2018). O espaço no *Facebook* foi compartilhado com Alinejad, que passou a ser sua administradora. Nascia, então, um canal na rede social dedicado a divulgar as imagens e a causa.

Outra das peculiaridades do movimento é seu caráter inerentemente infrator. Primeiramente, o mote principal da mobilização consiste em infringir a lei do *hijab* compulsório e, também, registrar essa infração, divulgando-a em uma grande rede de solidariedade online. E, em segundo lugar, a própria participação na rede social é

⁴ Conforme dados da página de My Stealthy Freedom. Disponível em: <fb.com/stealthyfreedom>. Acesso em: 25 de fev. de 2019.

transgressora, visto ser o *Facebook* bloqueado no país (FARIS, 2015). É, portanto, através dessa liderança exilada que é garantida a segurança de muitas das participantes que optam por manter seu anonimato, seja cobrindo o rosto nas fotos (mas mostrando os cabelos), seja optando por não divulgar seu nome e a localização do cenário da fotografia.

Nesse sentido, existe uma persistência em debates que, se restritos às fronteiras do país, talvez perdessem espaço. Isso porque o hábito da sociedade iraniana de compartilhar informações cotidianamente, combinado com as tecnologias disponíveis, acaba por ampliar essas restrições geográficas (GHEYTANCHI, 2015), sendo esse um dos “sinais” expressos pelo movimento enquanto demonstração de suas capacidades na concepção da socióloga Zeynep Tufekci (2017). Dessa forma, não usuários de redes sociais acabam por partilhar debates e informações que se dão, primeiramente, online.

O que nos leva a refletir na amplitude, nos caminhos e nas formas de desejo, mesmo as mais simples, e de que maneira sua porosidade permite o atravessamento dos discursos assujeitadores, como controle perene do prazer cotidiano. Esse sistema de “técnicas polimorfos do poder.” (FOUCAULT, 1985, p. 17), segundo Foucault, comporta infinitas espirais de poder e prazer, nas quais o primeiro atua enquanto mecanismo de apelação, por entre o qual o prazer se difunde. Como afirma uma das manifestantes na postagem abaixo, que traduzimos: “Se você não está sendo privado de nada, não conseguirá entender o que deseja.”⁵

⁵ Postado em 05 de maio de 2014, tradução nossa. Disponível em: <<https://goo.gl/WtvnjE>>. Acesso em: 25 de fev. de 2019.

Figura 1 – Postada em 05 de maio de 2014

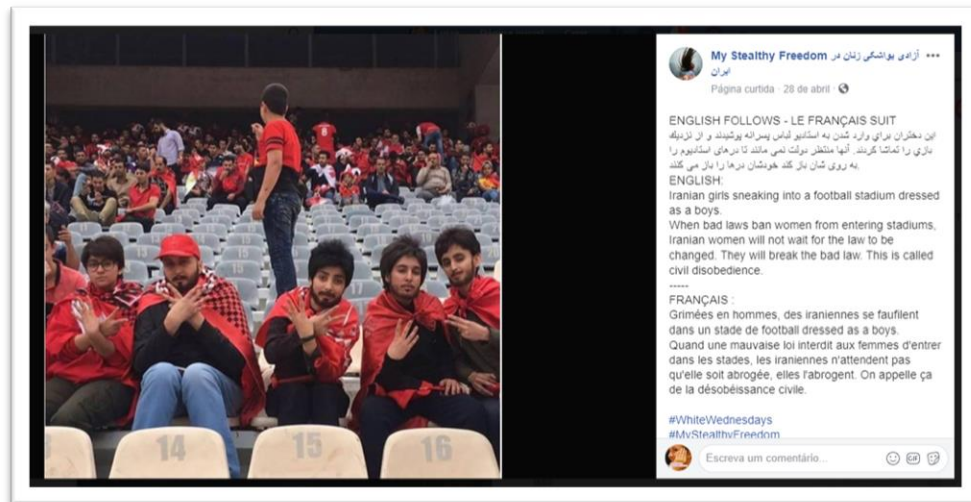


Fonte: fb.com/stealthyfreedom

Em outras palavras, um prazer que deseja liberdade, mas que, por sua vez, existe em função de agenciamentos de poder que cerceiam tal liberdade. Nesse contexto, a atividade dessas mulheres, através da página de *Facebook* e do movimento, cria “corpos digitais compartilhados”, “que (1) podem se opor à realidade de suas vidas no país, e (2), para os ativistas dos direitos das mulheres, oferecem uma ampla oportunidade para mobilizar, conectar-se com seus pares através das fronteiras e, até certo ponto, criar estratégias.” (GHEYTANCHI, 2015, p. 46, tradução nossa) Sobre tais estratégias, uma das características do movimento é dar a ver táticas e hackeamentos cotidianos, verdadeiras gambiarras de desobediência antes invisibilizadas a olhos estrangeiros.

Uma delas é o uso de vestimentas masculinas e cabelos curtos, seja em ocasiões pontuais, como em partidas de futebol (as mulheres iranianas são barradas nos estádios), ou assumindo uma identidade paralela que ganha vida nas ruas, conforme vemos na postagem abaixo.

Figura 2 – Postada em 28 de abril de 2018



Fonte: fb.com/stealthyfreedom

Nesse sentido, a construção desses corpos é linha de fuga ao Estado e à religião enquanto instituições definidoras que, ao operarem sobre o corpo feminino, impondo suas normas, deixam rachaduras no sistema para que uma espécie de fabulação, através de signos da masculinidade, promovendo a libertação das penalidades que se colocam sobre o desvelamento de mulheres, mas apenas as que expressam os signos de um corpo feminino.

3. Os sentidos do véu

Em termos gerais, o velamento de mulheres é um fenômeno rico em significados – presente desde tempos antigos⁶. Enquanto costume pré-islâmico, o cobrimento de mulheres através do véu apresenta-se como esteio de uma sociedade patriarcal, pois servia como índice na classificação das mulheres – sua ausência era letra escarlate e indicava desonra: apenas mulheres casadas e das altas classes podiam usá-lo. Após a dominação árabe, e sendo o *Islam* uma religião que dava continuidade à tradição judaico-cristã, o costume foi absorvido e logo outro sentido foi a ele atribuído: o de pertencimento tanto à comunidade muçulmana quanto à religião, passando a ser símbolo

⁶ Tal miríade de significados foi abordada no trabalho “O hijab é meio: O véu como tecnologia e dispositivo biopolítico de formatação de corpos”, apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros do XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação no 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

de modéstia e submissão a Deus. Já à época das investidas imperialistas europeias, um terceiro enunciado fundador passa a compor as tramas do véu islâmico: o da opressão. O debate acerca dos direitos das mulheres e mesmo o feminismo, nesse contexto, são também instrumentalizados para justificar a dominação branca e, em tal cenário, o *hijab* passa a ser o símbolo de um *Islam* machista a que era preciso combater (AHMED, 1992).

Em contraste, no Irã pré-revolução, o uso do véu configurou insígnia de afronta a um governo corrupto a ser derrubado – rostos velados passam a ser bandeira revolucionária. No mesmo país, entretanto, através da atual lei de uso compulsório do *hijab*, ele passa a compor-se também por uma plêiade de sentidos dentro do espectro da norma (MORETÃO, 2016). Paralelo a isso, principalmente entre jovens universitárias, usar o véu indica liderança e identidade, especialmente nas cabeças de revertidas em terras de países imperialistas como os Estados Unidos (AHMED, 2011).

Essa profusão de sentidos nos leva a refletir sobre a possibilidade da existência concreta de uma essência única para o véu. Nesse contexto, a fala de Masih Alinejad evidencia ainda outra dobra:

Somente depois do triunfo da revolução que muitas mulheres perceberam que tinham dado de bandeja seus direitos e empossado um regime que exigia a sua subjugação. No oito de março de 1979, cem mil mulheres saíram às ruas para o Dia Internacional da Mulher para protestar contra as leis que introduziam o *hijab* compulsório e outras restrições islâmicas. (ALINEJAD, 2018, s/p, tradução nossa).

No discurso propagado pelo movimento *My Stealthy Freedom* em suas postagens no *Facebook*, tirar o véu é um ato simbólico de objeção a todas as restrições impostas pelo regime atual do país. Consequentemente, o *hijab* passa a ser a materialização de todas essas interdições, que englobam o divórcio unilateral por parte do marido, a necessidade de autorização de um homem responsável para viajar, a dificuldade de obter a custódia dos filhos, a impossibilidade de assistir a partidas de vôlei ou futebol nos estádios, atender a certos cursos nas universidades, dentre outras coisas. Como expressa uma das ativistas na postagem abaixo, que pode ser traduzida:

Os mulás e o governo pensam que eles podem oprimir e silenciar mulheres, mas o que nós estamos fazendo agora é uma rebelião que não necessita de palavras. Mulheres podem expressar sua insatisfação em palavras e escrita, mas se

recusar a velar-se (o que pode parecer um ato simples) tem se provado a arma mais poderosa para incomodar o governo.⁷

Figura 3 – Postada em 18 de dezembro de 2014



Fonte: fb.com/stealthyfreedom

Por ser a forma mais visível e cotidiana de interdição às mulheres, portanto, o véu carrega, para essas ativistas, o sentido de aprisionamento de uma mulher obrigada a se esconder sob o cobrimento.

4. Libertar para melhor controlar

A conexão direta operada pelo discurso de *My Stealthy Freedom* entre os clérigos muçulmanos e suas leis e o *hijab* implica na caracterização do véu como imposição propriamente masculina e opressora. Tal ligação é objetivamente oposta ao sentido atribuído pelas próprias iranianas no período pré-revolução, pois as rebeliões, enquanto movimento de resistência, carregam atribuições femininas não-hegemônicas, periféricas e de resiliência em contraponto a um governo majoritário, dominador e masculino.

O desvelamento enquanto objeção e o véu como dispositivo de opressão religioso propriamente masculino são sentidos que compõem um discurso de rejeição,

⁷ Postado em 18 de dezembro de 2014, tradução nossa. Disponível em: < http://bit.ly/18_12_2014MSF>. Acesso em: 25 de fev. de 2019.

por parte dessas mulheres, à proteção, identificação, segurança e salvação inerentes aos sentidos propriamente corânicos do véu.⁸

A cultura, o policiamento, a multa e mesmo os olhares de reprovação fazem parte, portanto, de um processo perene de reiteração da norma, que é necessário diante da resistência dos corpos na conformação às regras. Nesse contexto, a materialização da normatização nunca é completa e as instabilidades geradas por esse confronto constante desestabilizam o poder que busca instituir a lei regulatória.

Sobre isso, Eli Pariser (2012, p. 153-154) vai dizer que “Precisamos reconhecer que valores sociais como a justiça, a liberdade e a oportunidade estão intrinsecamente ligados ao modo como o código é escrito e ao tipo de solução que ele oferece.” A partir disso, propomos que os enunciados referentes à liberdade individual e o próprio foco dado ao *hijab* por *My Stealthy Freedom* configura-se, potencialmente, como uma estratégia afinada ao código com base em valores ocidentais que edificam a arquitetura do *Facebook*. Não há nessa proposição, todavia, o intuito de qualificar tais enunciados enquanto bons ou ruins, mas analisá-los como adequados às visibilidades engendradas pela rede social em questão.

Essa proposição conecta-se às obrigatoriedades no que diz respeito à forma do conteúdo no *Facebook*. Pois, mesmo sendo possível postar (dentro dos padrões estabelecidos pela rede) qualquer tipo ou tamanho de texto, qualquer *link*, imagem ou vídeo, há aqueles com maior potencial para visualização e os que estão fadados à invisibilidade. Isso porque é preciso curvar-se a certas modulações de expressividade e conteúdo para que determinada postagem seja visível aos demais usuários.

Nesse ponto, os dois esteios deste trabalho interseccionam-se. Pois, de um lado refletimos acerca do véu como meio (uma tecnologia que expressa códigos culturais) e, de outro, buscamos problematizar o desenvolvimento de um movimento social que deseja o fim da obrigatoriedade do véu (por isso, trava uma luta em um campo disciplinar, pois deseja mudar leis), mas que é possivelmente capturado por uma outra tecnologia, não disciplinar, mas de controle – o *Facebook* que, por sua vez, também é regido por seus próprios códigos. Em ambos, processos de biopoder efetuam sobreajustes (seja através do código algorítmico ou de códigos culturais) através da propagação de discursos que estabilizam identidades dentro de limites específicos.

⁸ A dimensão histórica e legal do véu no Irã foi abordada no trabalho “Poder e Prazer na Semiose Discursiva de *My Stealthy Freedom*”, apresentado no GP Semiótica da Comunicação do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Tais valores compõem um discurso que, em última instância, possui afinidades com o arcabouço ideológico que dá base ao código algorítmico que edifica o *Facebook*: valores ocidentais e práticas de mercado liberais. Pois essas ativistas, imersas em restrições de ordem disciplinar expressas no discurso jurídico e religioso ortodoxo que atravessa sua sociedade, projetam no ideal de liberdade individual e na liberdade de escolha sua redenção. Por essa razão, são potencialmente capturadas por um ambiente edificado nas bases de tais conceitos de liberdade. Esses conceitos, por sua vez, fazem parte de uma economia política traduzida e expressa em seus mecanismos que fazem uso da cibernética na produção de uma humanidade transparente e eletrizada pela informação, conectada por uma multiplicidade de dispositivos que a configura em objeto da governança. Sobre isso, o Comitê invisível nos diz: “A economia política reinava sobre os homens deixando-os livres de prosseguir os seus interesses, a cibernética controla-os, deixando-os livres para comunicar.” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 90-91). Em outras palavras, um regime que liberta para melhor controlar.

Assim, a ação e produção de conteúdo das ativistas alimenta a plataforma com dados correspondentes à organização ideológica da rede, ainda baseada em uma certa dicotomia Oriente *versus* Ocidente própria de uma empresa de cunho liberal. Tomando por base o fato do *Islam*, historicamente, configurar-se em desafio fundamental ao liberalismo, sendo visto não apenas como inimigo, mas como O inimigo (AHMED, 1992), um site desenhado por preceitos mercadológicos liberais tem a forma quase ideal para o encaixe de um movimento que faz frente ao *hijab* – objeto que, a olhos orientais, materializa a imagética islâmica e seus preceitos. Dessa forma, a luta pela liberdade individual e a temática de um governo islâmico opressor circulam de maneira fluida por usuários de diferentes nacionalidades, pois fazem coro com esse tipo de discurso abrindo espaço em sua bolha de conteúdo personalizado.

5. Considerações finais

Para além de identificar os discursos sobre o véu em *My Stealthy Freedom*, evidenciamos o que o faz falar a partir do ambiente em que se insere, ou seja, que moldes conformam esses discursos e que modulações operam sua normalização.

Dessa forma, é possível dizer que há uma normatização, dentro de padrões ocidentais, da forma como se apresenta o movimento. Pois, por mais que o conteúdo do discurso seja o da liberdade de escolha – ou seja, o enunciado preceitua que a mulher não pode ser forçada a usar o véu (o que também podemos identificar em enunciados propriamente muçulmanos não ortodoxos) e não se coloca contra o véu em si – o que a gente observa enquanto forma, são mulheres, em sua maioria, desveladas e que se comunicam, em última instância, em idiomas estrangeiros. Em outras palavras, enquanto mecanismo de controle, o *Facebook* identifica em *My Stealthy Freedom*, enquanto devir, uma máquina de reprodução enunciativa: um vasto banco de dados constantemente reabastecido e que opera na legitimação ideológica da plataforma fornecendo dados que reforçam discursos como o do Ocidente salvador. Assim, antecipando possíveis linhas de fuga, a rede social potencialmente produz o próprio movimento, pois determina por que vias e através de que formas ele se expressa e com quem se comunica.

Todavia, essa rendição acrítica é, paradoxalmente, vento a favor de sua causa, visto que atua na forte propagação de ideias que não ultrapassariam facilmente as muralhas da censura e interdição disciplinares do Irã, além de permitir que o movimento siga crescendo mesmo após mais de quatro anos de atuação nas redes. Nesses termos é o *Facebook* um ambiente de controle, pois liberta para melhor controlar, ou seja, faz comunicar para mais dados obter. Nessa lógica, essas ativistas abraçam a plataforma que as permite denunciar e levantar sua bandeira, fornecendo seu trabalho imaterial por vontade própria – uma rendição em troca de um tipo de liberdade que não possuem em seu país.

Referências bibliográficas

AHMED, Leila. **Women and gender in Islam – Historical roots of a modern debate.**New Haven & London: Yale University Press. 1992.

AHMED, Leila. **A Quiet Revolution. The veil's resurgence, from the Middle East to America.**New Haven & London: Yale University Press. 2011.

ALINEJAD, Masih. **Wind in my hair – My fight for freedom in moderd Iran.** Nova Iorque, Hachette Book Group: 2018.

COMITÊ INVISÍVEL (coletivo). **Aos nossos amigos – crise e insurreição.** São Paulo: n-1 edições, 2016.

FACEBOOK. **My Stealthy Freedom.** Disponível em:<fb.com/stealthyfreedom>. Acesso em: 25 de fev. de 2019.

FARIS, David M. Architectures of Control and Mobilization in Egypt and Iran. In: FARIS; RAHIMI. **Social media in Iran: politics and society after 2009.** Albany: State University of New York Press, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 4ªedição, Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: Vontade de Saber.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir.** Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

GHEYTANCHI, Elham. Gender Roles in the Social Media World of Iranian Women. In: FARIS; RAHIMI. **Social media in Iran: politics and society after 2009.** Albany: State University of New York Press, 2015

KOO, Gi Yeon. To be Myself and have My Stealthy Freedom: The Iranian Women's Engagement with Social Media. **Revista de estudos internacionais mediterrâneos,** n. 21, 2016.

MORETÃO, Amanda S. **Entre a Modernidade e a Tradição:** Empoderamento feminino no Irã e na Turquia. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

PARISER, Eli. **O filtro invisível:** o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Vol. 20 (2), jul/dez. 1995.

TUFEKCI, Zeynep. **Twitter and Tear Gas:**The power and fragility of networked protest.New Haven & London: Yale University Press, 2017.